

| Editorial – Setembro de 2010

A ARTE DE SER UM ESCRITOR INICIANTE

SER UM ESCRITOR INICIANTE não é uma tarefa fácil! Lutar para conseguir espaço e brigar para publicar o primeiro livro figuram entre as atividades mais penosas dentro do campo cultural e artístico. O escritor iniciante, na maioria das vezes, sente-se à deriva. Sem rumo e guiado por uma bússola que aponta um norte não muito confiável, só lhe resta se dedicar a escrever e reescrever suas produções, e através delas seu caminho literário. O escritor iniciante vive a sonhar com a materialidade encantatória de suas narrativas, poéticas e/ou prosaicas, e a se indignar com a falta de recursos ou apoios suficientes.

A solução quase sempre é bancar suas produções. Tudo por conta própria. Financiar com os seus escassos recursos o florescimento de sua carreira. Na Paraíba, por exemplo, não temos um mercado editorial consistente (mesmo para aqueles já consolidados como escritores profissionais), uma indústria gráfica eficiente (a maioria investe em outras atividades e não concentra as suas produções em suportes como o livro) e uma política pública de publicação e divulgação adequada. Ou melhor, não temos quase política pública nenhuma relacionada à produção cultural como um todo. Em nível estadual, já há um bom tempo a Paraíba não sabe o que é uma política para o livro e para a leitura! Em períodos eleitorais, como esse de 2010, percebemos de modo mais latente o silenciamento sobre o apoio e fomento do poder público à cultura e à arte produzidas no estado.

Assim, acreditamos que, na esteira da Era Digital, o escritor iniciante e independente precisa criar os seus próprios caminhos. Os exemplos são inúmeros. É válido lembrar a todo escritor iniciante que os primeiros volumes publicados por aquele que é considerado um dos maiores contistas brasileiros vivos, Dalton Trevisan, foram produzidos inicialmente em formato semelhante ao do cordel. O baixo custo somado ao caráter minimalista dos contos do escritor curitibano encontrou no formato escolhido a junção perfeita para divulgação. Assim como ele, Chacal e Manoel de Barros financiaram suas primeiras produções de forma independente. Um dia a editora ou o reconhecimento chega. Certamente não para todos, pois nestes caminhos desviantes da produção literária em nosso país só ficam, talvez, os que

amam a literatura acima de seus percalços já estruturados pela condição do escritor brasileiro, e sobretudo nordestino.

Atenta à situação de "marginalidade" da literatura brasileira contemporânea perante outras artes, encontra-se a iniciativa de escritores nordestinos que contribuem no aprendizado e divulgação de seus conterrâneos. Exemplos de glória entre escritores da nossa terra, cujo sucesso e reconhecimento foi conquistado com prêmios nacionais são os congratulados Ronaldo Correia de Brito e Raimundo Carrero, ambos vencedores do *Prêmio São Paulo de Literatura*, em 2009 e 2010, além de Rinaldo de Fernandes, que teve seu *Rita No Pomar* entre os finalistas desse mesmo prêmio, e Marcelino Freire, já congratulado com o *Prêmio Jabuti*. Rinaldo mantém um dos melhores blogs sobre literatura e escreve suas críticas literárias para o *Correio das Artes*, entre outros veículos. Raimundo Carrero, pernambucano, mantém sua Oficina Literária na cidade do Recife como uma importante maneira de os escritores conviverem entre si e desenvolverem técnicas narrativas necessárias aos descaminhos da arte. Muita coisa sendo feita, desculpa para escritores novos não interagirem não há.

As alternativas então? Elencaremos algumas. Bem, uma delas já foi referida aqui no início deste editorial: o autofinanciamento. Escolher uma editora ou uma gráfica das mais baratas e bancar tudo. Uma segunda alternativa é imprimir de forma simples mesmo os poemas ou contos em edições sem muitos rebuscamentos gráficos, feitas em casa em uma impressora e multiplicadas em copiadoras. A terceira, organizar antologias com colegas do ramo, de temáticas livres ou não, em pequenas e médias tiragens. Uma Quarta alternativa é publicar livros em formatos típicos de internet, em PDF ou programas semelhantes, deixando-os lincados em blogues e sites para downloads gratuitos. Finalmente, pode-se investir em concursos literários e ou programas de fundos de incentivos à cultura. Neste caso, todavia, é necessária, na maioria das vezes, certa experiência comprovada, principalmente em casos de incentivo público; na Paraíba, o exemplo que temos é o Fundo de Incentivo a Cultura (FIC/Augusto dos Anjos), que já há alguns anos inexistente, por incompetência dos dois últimos governos estaduais.

Desta forma, o que resta para o escritor iniciante é agir; agir sempre, colocar seu nome nos cenários existentes, criar influências, e claro, sempre ler de forma voraz, visto que "não se escreve muito bem sem ter lido bastante", como bem se referiu o jornalista Daniel Piza, além de dedicar o máximo de tempo possível para o aperfeiçoamento de sua técnica e desenvolvimento de sua "pulsção narrativa", como diria o já citado Raimundo Carrero.

Enfim, o negócio é ir articulando idéias e projeções futuras, criando espaços de sociabilidades literárias e lugares de publicação – como a própria Blecaute. E percebendo, é evidente, que “escrever é não esconder nossa loucura”, como já disse Arnaldo Jabor. Não as escondamos então, mesmo com todas as dificuldades.

Os editores.